

PESQUISA DE CAMPO: DIFICULDADES NA REALIZAÇÃO DE INQUÉRITOS LINGÜÍSTICOS

*Sandra Cerqueira Pereira Prudencio**
*Sílvia Santos da Silva Gonçalves**

1 INTRODUÇÃO

Os estudos lingüísticos, que têm como recurso auxiliar a pesquisa de campo, apresentam algumas dificuldades que merecem discussão. Dentre elas, podemos citar a realização de inquéritos lingüísticos, que ocorrem através da interação inquiridor e informante com o objetivo de coletar dados que, posteriormente, passarão por análises. Detendo-se, especificamente, na coleta de dados do *ALiB*, – Atlas Lingüístico do Brasil – este trabalho tem como finalidade apresentar dificuldades vivenciadas pelas inquiridoras, ao realizarem alguns inquéritos em comunidades distintas. Tal Atlas, como sabemos, tem como principal objetivo “Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolingüística¹”.

Os inquéritos se realizam através de um questionário que se divide em “(a) fonético-fonológico (QFF) – 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical (QSL) – 202 perguntas; (c) morfossintático (QML) – 49 perguntas².” O que faz com que o inquérito dure, em média, três horas.

Esse questionário foi previamente elaborado por uma equipe de pesquisadores e conta com idealizações que se modificam, normalmente, diante do contexto real em que é aplicado, constituindo-se, assim, o clássico paradoxo entre o ideal e o real.

Os informantes requisitados, que em todo Brasil somam 1100, têm de atender a critérios, na intenção de unificar suas características. Assim devem ser “(...) filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, (...) distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e contemplando os dois sexos. (...) possuidores de uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local³”.

Quanto à escolaridade, os procedimentos apresentam-se parcialmente distintos para capital e interior. Na capital, são quatro informantes com nível superior completo e quatro com escolaridade máxima até a quarta série do ensino fundamental. Em cidades do interior, são quatro informantes com esta última escolaridade.

O questionário deve ser aplicado numa rede de 250 pontos, distribuídos por todo território nacional, seguindo critérios demográficos.

Na realização de cada inquérito, surgem itens que aparecem exclusivamente durante a aplicação do questionário, o que levou as inquiridoras a constantes reflexões não apenas lingüísticas, o que ocorre naturalmente na coleta de dados *in loco*, mas, sobretudo, no que concerne à melhoria de suas performances. Isso exige do grupo do qual fazem parte

* UNIME – UNIÃO METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA.

¹ Informação extraída do site: www.alib.kit.net

² Informação extraída do site: www.alib.kit.net

³ Informação extraída do site: www.alib.kit.net

incessantes discussões, já que a boa desenvoltura de cada uma, a cada inquirido, provavelmente, levará o informante a melhor contribuir durante a entrevista. Assim, como supomos, os primeiros inquiridos podem deixar a desejar em alguns aspectos, que serão aperfeiçoados nos subseqüentes.

Faz-se necessário pôr atenuantes ao se falar do informante, pois o mesmo se encontrará em situação, muitas vezes, nova, que se resume em estar diante de um inquiridor, respondendo a questões propostas por um desconhecido, que, muitas vezes, podem parecer bobas e sem propósito.

Por isso, deve-se deixar o informante à vontade, na tentativa de dirimir a distância que é natural entre pessoas que não se conhecem. Dessa forma, durante o inquirido, convém criar uma situação comunicativa em que haja afinamento entre duas pessoas estranhas. A partir desse momento, se constituirá uma relação que se torna, em certo ponto, curiosa, pois serão abordadas questões pertencentes à sua vida particular, familiar e da comunidade em que vive. Assim, o ideal é que uma situação de natureza artificial aproxime-se do natural para que respostas apresentem-se de maneira satisfatória para ambos.

Um item importante que comentaremos é a procura do informante, que pode ocorrer de duas maneiras: 1) através de um intermediador, que, naturalmente, interfere na ocorrência do inquirido em tempo mais imediato e gera maior segurança para o informante. 2) na ausência desse grande ajudante, a busca se dá através de abordagens em casa, na rua, nos bares, no teatro, no museu, nas escolas, enfim a busca andarilha para desempenhar o trabalho de campo proposto consiste em subir ladeiras, entrar em becos e, mais que isso, em ter perspicácia ao abordar cada pessoa, que por si, apresenta-se desconfiada aos não conhecidos. Tal abordagem ultrapassa os treinamentos ocorridos em reuniões científicas, pois é muito mais do que se apresentar e propor uma entrevista com um devido fim.

Além dos aspectos mencionados que indicam que a pessoa pode ser informante do Atlas, outro ponto relevante é verificar a sua disponibilidade de tempo para participar do inquirido. Esse aspecto torna-se importante para que a entrevista não seja interrompida por falta de esclarecimentos prévios, que são importantíssimos, pois o informante, não deverá priorizar a pressa a responder as questões.

2 REALIZAÇÃO DE INQUÉRITOS DO ALiB

Para a realização dos inquiridos do ALiB, o pesquisador segue um “manual” de *Recomendações aos inquiridores*, elaborado pelo Comitê Nacional, lançado em 2001. Nesse manual existem recomendações para o **antes**: preparação da viagem, atitudes gerais do investigador; o **durante**: procedimentos em relação ao informante, circunstâncias e equipamentos; o **depois**: análise do inquirido.

As recomendações são baseadas em experiências do comitê na aplicação de inquiridos para elaboração de atlas regionais e para os inquiridos preliminares do ALiB. As sugestões, em sua maioria, visam dirimir alguns problemas já vivenciados, apresentando-se, assim, como algumas soluções:

- 1) Para a preparação da viagem: “1. testar os gravadores, verificar as pilhas e acessório.” (...) “levar vasilha com água potável, biscoito, frutas, faca de mesa ou canivete, leite longa vida, papel higiênico, comprimidos para dor de cabeça, indisposição estomacal ou intestinal; repelente para insetos.”

- 2) Durante a entrevista: “1. ser amável e atencioso sem ser afetado.” (...) “8. passar uma imagem de tranquilidade. Não demonstrar impaciência ou pressa.”
- 3) Depois da entrevista: “1.Ouvir, no hotel, as fitas para certifica-se de que a gravação está completa e dentro dos padrões técnicos pré-determinados (em boa altura, sem a interferência excessiva de ruídos externos, etc.).

Contudo, nem sempre, essas precauções são garantia de um inquérito bem sucedido. Algumas vezes, nos deparamos com situações inusitadas e não previstas, tais como: a) testar as pilhas antes, mas na hora do inquérito, rapidamente, descarregarem; b) estar em uma cidade enladeirada e ter de percorrer várias vezes o mesmo caminho atrás do informante ideal, e, mesmo estando com calçado confortável, ficar com dores nos pés c) o informante, na verdade, é quem dita o tipo de relacionamento que existirá entre ele e os inquiridores; d) mesmo que os inquiridores demonstrem tranquilidade e paciência, se for da “natureza” do informante a impaciência, algumas questões não serão bem respondidas, pelo menos da maneira que se esperaria; e) durante a gravação pode não ser percebido algum ruído que a prejudique, e não existir a possibilidade de um novo contato com o informante.

3 SITUAÇÕES DIVERSAS E ADVERSAS

Além das questões levantadas, existem outras relacionadas à realização do inquérito que merecem atenção. A essas situações denominamos de diversas e adversas, sobre as quais passaremos a discutir. São elas:

- 1) cultura(s) local(is);
- 2) estudo espacial da área;
- 3) dificuldade de encontrar pessoas com pouca escolaridade;
- 4) situações intermediárias no preenchimento do quadro controle.

Em relação ao item 1, acreditamos que é fundamental o conhecimento, da parte dos pesquisadores, de especificidades culturais do ponto em que se farão inquéritos. Podemos citar como exemplo o fato de desconhecermos que o mercado de peixe da região é freqüentado por homens e prostitutas, o que pode gerar problemas para inquiridoras. Ou que determinado local é considerado perigoso devido ao alto índice de assassinatos.

Dessa forma, o estudo detalhado da região propiciará aos inquiridores a certeza de que o local em que o informante mora está dentro ou fora dos critérios para o ponto escolhido, ou seja, os inquiridores, principalmente nas capitais, saberão se o informante representa a capital, ou por morar na periferia, está à margem dela.

Outro fator problemático, dentro do estudo espacial da área, é a distinção entre rural e urbano, como a intenção do *ALiB* é a representação da fala urbana e a maioria dos pontos é no interior, temos, muitas vezes, dificuldade de saber se o informante representa a fala urbana ou rural.

Com relação à dificuldade em encontrar pessoas com pouca escolaridade, destacam-se dois pontos:

- I. no interior, geralmente, os menos escolarizados residem na zona rural;
- II. há crescentes campanhas de alfabetização e aumento de escolas de ensino fundamental, tanto nas capitais quanto no interior.

O primeiro ponto junta-se à situação diversa: estudo espacial da área, pois o informante ideal para o interior, muitas vezes, reside na zona rural e tem pouca escolaridade. Esses dois fatores entram em choque, porque o perfil que se procura é de pouco escolarizado que resida na zona urbana, mas a situação encontrada geralmente é:

para a zona urbana



Informante encontrado = reside na periferia ou subúrbio + pouca escolaridade

X

Informante ideal = reside no centro ou circunvizinhança + pouca escolaridade

Com relação ao segundo ponto citado, sabemos que o aumento de escolarizados é um dado muito mais estatístico do que real, e isso nos atrapalha durante a procura do informante, pois ao chegarmos em uma comunidade, procuramos as pessoas que se encaixem no perfil descrito no projeto, porém, no momento em que verificamos que uma pessoa pode preencher todos os outros critérios, percebemos que a mesma cursou até a 6ª série do ensino fundamental, o que nos levará a descartá-la como informante. Contudo, sabemos que esse informante “dispensado” talvez fosse o ideal, pois cursou até a 6ª série, mas sua formação equivale a uma 3ª série. Para tais considerações teríamos, então, um problema, a subjetividade, pois entraríamos no mérito da correspondência entre a formação e a série cursada.

A última situação adversa que levantamos são as situações intermediárias no preenchimento do quadro controle. Nesse quadro, temos de formalizar todas as situações comunicativas ocorridas durante o inquérito. Mas nem todas as situações se moldam a formalizações, por exemplo:

PARA O QFF

número da pergunta	resposta esperada	situação ⁴
097	Defesa	X e/ou O

Legenda:

X informante não sabe; não retornar à pergunta;

∅ informante respondeu no retorno;

√ inf. deu outra resposta (no QFF);

O não lembra; retornar à pergunta;

• o inquiridor esqueceu de perguntar;

* inquiridor queimou a pergunta.

Para o exemplo acima, cita-se a situação em que o informante pode afirmar que não sabe responder a uma questão, mas dar a entender que não se lembra da resposta naquele

⁴ O inquiridor auxiliar deve colocar um dos símbolos da legenda.

momento. O inquiridor auxiliar colocará provavelmente o símbolo que significa “não se lembra”, que não representará, de fato, a situação comunicativa ocorrida.

4 DIFICULDADES EM RELAÇÃO AO QUESTIONÁRIO

A partir dos inquéritos definitivos, novos problemas foram encontrados no questionário e em sua aplicação. Alguns já foram levantados por Jacyra Mota, em reuniões do projeto, são eles:

1. Necessidade de “realia” ou gravura: questões em que, dificilmente, apenas com a pergunta conseguimos a resposta desejada. Exemplos:
 - QFF 7 – Caminha
 - QFF 46 – Borboleta
 - QSL 42 – (Penca)
 - QSL 44 – (Parte terminal da inflorescência da bananeira)
 - QSL 45 – Espiga
2. Questões do QFF com outra resposta: questões em que podemos modificar a pergunta, já que o objetivo é obter uma palavra específica, da qual será observado um fenômeno fonético/fonológico determinado.
 - QFF 13 – Imã/azougue
 - QFF 82 – Início/começo
 - QFF 47 – Teia de aranha/casa
 - QFF 67 – Estrada/pista
 - QFF 136 – Loura/galega
 - QFF 140 – Sandália/chinelo, alpercata etc.
 - QFF 154 – Barulho/zoada
3. Questões prejudicadas por outras do próprio questionário:
 - Questões do QFF prejudicadas pela ficha do informante: televisão, cinema.
 - Questões do QMS prejudicadas pelo QFF: QFF 40 – planta, QFF 44 – abelha.
4. Perguntas repetidas ou muito semelhantes: questões em que a palavra em que se busca um fenômeno fonético é, geralmente, dada no questionário semântico-lexical.
 - QFF 117 – peito / QSL 111 – seios/peito
 - QFF 02 – terreno / QSL 199 – terreno/lote/data
 - QFF 127 – vômito / QSL 112 – vomitar
5. Perguntas que apresentam dificuldade de entendimento
 - QFF 38 – rosa
 - QFF 77 – muito
 - QSL 132 e 133 – menino/guri/piá

Além dos cinco tipos de problemas apontados por Jacyra Mota, apresentamos outros. Alguns se encaixam na classificação por ela estabelecida. Para outros, sugerimos nova categoria.

Às questões levantadas por Jacyra Mota no item dois, acrescentam-se:

- QFF 36 BOTAR – Questão com outra resposta: colocar, pôr.
- QFF 103 PEGO – na maioria das vezes, o informante diz *preso*.

A gravura ainda não funciona como elemento adequado à aquisição da resposta, que, no QSL, caracteriza-se de forma diferenciada do QFF, pois neste se quer uma lexia específica e naquele a lexia que recubra o conceito apresentado.

QFF → LEXIA. Ex.: QFF 01 – CASA (o elemento sublinhado e em negrito é o que se quer, prioritariamente, apurar.

QSL → CONCEITO. Ex.: QSL 01- (...) um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

Assim, mostrar uma gravura de chá industrializado, poderá maquiar a resposta, pois o informante poderá conhecer o chá, mas não a flor com esse nome, que é o que de fato queremos saber.

- QSL 41 CAMOMILA – mesmo com “realia” continua de difícil identificação.

Questões relacionadas à realidade do informante.

- QFF 54 AFTOSA – as pessoas desconhecem essa doença, por isso a resposta, geralmente, é *afta*.
- QSL 03 FOZ – os informantes desconhecem.
- QSL 08-16 relacionadas a fenômenos atmosféricos e 22-28 a astros e tempos, que, para muitas pessoas, nesses itens, não há tantas nuances a serem observadas.
- QSL 72-76 CAVALO – apresentam dificuldade para os informantes fundamentalmente urbanos.

Questão em que ocorre dupla interpretação, devido ao conceito apresentado induzir a outra interpretação.

- QSL 145 CIGARRO DE PALHA – os informantes, principalmente os jovens, interpretam como cigarro de maconha.
- QSL 87 CORÓ – Os informantes apresentam a forma *cupim*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do foi exposto, devemos esclarecer que as dificuldades citadas, que implicam em observações na aplicação do questionário lingüístico, podem ser pensadas por todos que se interessam por esse tipo de estudo, pois fazem parte da pesquisa, assim como o informante, o inquiridor, o questionário, os elementos auxiliares, enfim, fazem parte do trabalho lingüístico.

Salientamos que não listamos exaustivamente todas as dificuldades que encontramos durante a aplicação do referido questionário, mas as que acreditamos serem as mais relevantes até o momento. Isso quer dizer que temos de pequenas a grandes dificuldades, e que cada uma merece atenção específica para que a realização do inquérito torne-se o mais próximo do ideal.

Obviamente que esse ideal não depende apenas da atuação do inquiridor, mas, principalmente, de sua perspicácia em tomar decisões que levem o informante a ter um melhor desempenho. Assim, citamos como exemplo momentos em que se desencadeiam as respostas “não sei”, em que não se poderá frustrar nem o inquiridor nem o informante, já que não saber é uma informação preciosa, revelando desde o arcaísmo de uma forma até a inexistência do item em questão na comunidade sob análise.

O pesquisador, de fato, deve estar preparado para que essas respostas ocorram. Assim, havendo frustrações, deverá disfarçá-las no momento da inquirição. O informante, nesta situação, poderá sentir-se “um mal colaborador” diante de sua suposta incapacidade de identificar resposta para as questões do entrevistador. E isso, em determinadas etapas do questionário, apresentam-se em seqüência como as questões anteriormente citadas do QSL 08-16 relacionadas a fenômenos atmosféricos e 22-28 a astros e tempos, apresentam-se em seqüência. Dessa forma, deverá o inquiridor interferir para que o informante não desanime diante deste fato, para que não se comprometa o inquérito por causa disso.

Não podemos nos esquecer que o inquérito lingüístico é um jogo, em que o inquiridor tenta dominar a situação, deixando o ato comunicativo o mais natural possível. Já o informante aceita esse jogo em que o seu interlocutor é alguém desconhecido que determinará os assuntos (peças) que serão conversados (jogados).

REFERÊNCIAS

- ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL: questionário. Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- AGUILERA, V. de A. (1994). **Atlas Lingüístico do Paraná (ALPr)**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado.
- ARAGÃO, M. do S. & Menezes, C. B. de (1984) **Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPb)**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **DELTA**, 2001, vol.17, no.spe, p.25-44. ISSN 0102-4450.
- CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, P. (1994) **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros.
- FERREIRA, C., FREITAS, J., MOTA, J, ANDRADE, N. CARDOSO, S. ROLLEMBERG, V. & ROSSI, N. (1987) **Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- HOUAISS. A. (1985) **O Português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE.

- NASCENTES, A. (1953) **O Linguajar Carioca**. Rio de Janeiro: Simões.
- RIBEIRO, J., ZÁGARI, M., PASSINI, J. & GAIA, A. P. (1977) **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG)**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- ROSSI, N. (1963) **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)**. Rio de Janeiro: MEC-Instituto Nacional do Livro.
- _____ (1980) Dialectologia. In: Houaiss. A. (ed.) **Enciclopédia Mirador Internacional**. V.7. São Paulo: Melhoramentos: 3298-3304.
- _____ (1967) Dialectologia. **Alfa**, 11: 89-115.
- _____ (1969) Os falares regionais do Brasil. In: **Atas. O Simpósio de São Paulo**. São Paulo.